

Conta-se que, antes de as aves serem aves, eram sinais. Não tinham ainda penas nem nomes fixos, mas corpos mutáveis feitos de barro, fumo e som. No mundo antigo, quando os deuses ainda falavam por desvios e ritmos, os humanos aprenderam a observar o céu não como paisagem, mas como escrita.

Na ornitomania — a arte de ler o futuro através do voo, do pouso e do silêncio das aves — nada era literal. O que importava não era a ave em si, mas o intervalo entre um bater de asas e outro, a direção inesperada, a hesitação. O presságio vivia no gesto incompleto.

Estas peças de cerâmica nascem desse mesmo intervalo.

Dizem que no Egito, em templos hoje soterrados, existiam pequenos objectos rituais feitos de argila: fragmentos híbridos entre instrumento, ídolo e brinquedo. Alguns tinham formas que lembravam bicos, outros sugeriam torsos ou asas recolhidas, mas nenhum pretendia representar um animal real. Eram usados por sacerdotes-ouvintes, que os dispunham no chão após observar o céu. A posição final de cada objecto ecoava o voo visto momentos antes. O barro tornava-se memória do ar.

Esses objectos não eram estáticos: eram batidos levemente uns contra os outros, produzindo um ritmo seco, irregular — um tipo de reggae primitivo, sincopado, feito de pausas e repetições. Acreditava-se que esse ritmo ajudava a traduzir a mensagem dos deuses, trazendo o futuro para um tempo dançável, suportável.

As obras desta exposição parecem herdeiras desses artefactos perdidos. Não são aves, mas carregam a ideia de ave como veículo: algo que atravessa mundos. As superfícies cerâmicas guardam marcas de contacto, como se tivessem sido manuseadas em rituais antigos. Algumas parecem prontas a tombar, outras a equilibrar-se — todas suspensas entre leitura e enigma.

Egyptian Reggae propõe assim uma arqueologia inventada: um passado onde a adivinhação não dependia da precisão, mas do desvio; onde o futuro não era previsto, mas sentido no corpo através do ritmo. Aqui, a cerâmica não fixa formas — escuta-as. E aquilo que não voa, ainda assim, anuncia.

Manuel Caldeira

They say that before birds were actually birds, they were signs. They didn't have feathers or names yet, just these shifting bodies made of clay, smoke, and sound. In the ancient world, back when the gods spoke in rhythms and riddles, people didn't just look at the sky as a view, they read it as a script.

In ornithomancy - the art of deciphering the future through flight, landings, and the sudden hush of birds - nothing was literal. It wasn't about the bird itself, but the gap between one wingbeat and the next. The sudden turn, the hesitation. The omen lived in the suspended gesture.

These ceramics are born of that very interval.

There's a story that in Egypt, in temples buried under the sand, there were these small ritual objects made of mud: strange little hybrids of instruments, idols, and toys. Some looked like beaks, others hinted at a torso or a folded wing, but they weren't trying to look like "real" animals. They were used by priest-listeners, who would lay them out on the ground after watching the sky. The way the objects landed would echo the flight they'd just seen. The clay became a memory of the air.

They weren't static. They'd tap them together to make a dry, jagged beat - a kind of raw, syncopated reggae made of pauses and loops. They believed this rhythm helped them translate the god's message, pulling the future into a danceable tempo - making it bearable.

The pieces in this show seem to have inherited that DNA. They aren't birds, but they carry the idea of the bird as a vehicle: something that moves between worlds. The ceramic surfaces hold traces of contact, as if handled in ceremonies lost to time. Some appear on the verge of tipping, others in perfect equilibrium - all of them suspended between a sign and a secret.

Egyptian Reggae is a kind of invented archaeology. It's a version of the past where "knowing" the future wasn't about being precise, but about following the drift; where you didn't predict the future, you felt it in your body through rhythm. Here, the clay doesn't freeze a shape - it listens to it. And that which does not fly, nonetheless, heralds.

Manuel Caldeira

Egyptian Reggae **MANUEL CALDEIRA**

12.02.26 a 21.03.26

BALCONY
CONTEMPORARY
ART GALLERY

Rua Coronel Bento Roma 12 A
1700-122 Lisbon | Portugal

M (+351) 969 847 655
M (+351) 932 380 822

info@balcony.pt
www.balcony.pt